

alucinação? E como prova que essa pessoa que eu vejo não existe? É por meio dos sentidos do meu corpo que me apercebo do meu corpo. E é também por meio dos sentidos do meu corpo que me apercebo dêsse outro corpo... irreal». (*Presença* n.º 23).

E, num outro de Jorge de Lima, publicado também na *Presença*, lê-se: «A poesia está acima dos leitores, da política, da ciência, da filosofia... — O poeta está acima dessas coisas, transcende ao tempo, não liga absolutamente às modas, aos políticos, às guerras, às revoluções, às tiranias, às mudanças do tempo... — A pedra de toque mesmo, do genuíno poeta é sair do tempo, sair do verso, sair dos partidos, sair do mundo. Só não pode sair de Deus. Fora do limite do transcendente só se poderá fazer verso, discurso, ciência rimada, coisas muito transitórias sem o ritmo eterno da verdadeira e única poesia... — Ciência, sociologia, reivindicações de classe, são óptimos temas para discurso de comício, panfletos de combate, teses, etc... mas não dão um miligrama de poesia... — A poesia é supra tempus... — O poeta não estará obrigado a ser porta-voz do tempo, dos factos do tempo. O poeta não estará obrigado a transmitir as vozes do mundo, as côres e as formas especiais do seu ambiente, mas transformará as coisas, irá além delas para que o sobrenatural que elas contêm e está em tudo, nele se manifesta. O mundo do poeta assenta em planos diferentes.

E, nesta época, em que sociólogos, políticos, reformadores, economistas, a maioria dos homens se ajoelham ante a ciência oficial, a pretenciosa ciência positiva, os poucos poetas da terra se voltam para Cristo — força suprema de que se aproximarão, para oferecer-lhe a eterna partícula da Poesia que é o seu mais próximo parentesco com o Criador» (n.º 45).

Aos modernistas só lhes interessa portanto o problema artístico, só lhes interessa a Arte, com maiúscula. E, como êsse lançar-se na Arte resulta da fuga de todos os

factores concretos da vida, evidente é pois que fazem arte repudiando êsses factores. Foi Régio que disse ser modernista todo aquêlê «que partisse atraz de não sei que intuição do Desconhecido, que se torturasse (ao mesmo tempo vencido e vencedor) na febre de realizar não sei que virtualidades de ampliar, de remexer, de i-limitar o mundo, que qualquer espécie de código artístico, social, religioso, moral, intelectual, e metafísico não consegue senão fechar».

Para o modernista a arte é uma concretização de todos os problemas eternos do homem. Só o artista apreende verdadeiramente todos os sentimentos que os homens possuem. E apreende-os, precisamente porque só se preocupa com êles. O artista modernista busca em tôdas as coisas o desconhecido e o oculto. Só os valores eternos interessam e, os valores eternos do espírito, estão no espírito. Tôda a teoria artística do modernismo assenta sôbre o mistério que solicita o homem a pretender desvendar a sua origem. É uma arte do transcendente e do metafísico. E é por isso que o divino constitui quási exclusivamente o drama dos artistas modernistas.

Que cada um fale do seu drama íntimo, que cada um parta «atraz de não sei que intuição do Desconhecido», que cada um traduza as suas angústias e desesperos, se os tem, e se os não tem, que fale da sua serenidade em os não ter. Que cada um fale pois de si. Que cada um diga sinceramente como é. Os outros não interessam. O artista modernista é, na medida em que se conhece, superior a todos os outros, e superior por diferente. Para longe as preocupações do grupo. A' arte interessam só as lutas do homem consigo próprio.

E como exprimir estas lutas, esta vaga intuição do desconhecido?

Que cada um procure em si a expressão mais adequada àquilo que pretende exprimir. O artista não deve estar sujeito a fórmulas rígidas. Deve quebrar tôdas as amarras, deve exprimir-se como quiser.